

# Folha Nova

Na memória um fio solto me fez puxar um suspiro. Suspiro categoricamente dividido em motivos exatos que eu não queria lembrar. Foi como o passo perdido que dei naquela manhã de segunda – e todos os outros que estava disposta a dar – até que o círculo fechasse novamente, na mesma história, no mesmo sentido.

*As nuvens caminhavam, passeavam pelo céu, procurando saber onde era melhor escorregar para a terra, com os ventos do litoral, com o ar ao qual se acostumara, chuva que esperava como recompensa de vida. Os passos secos que lhe perseguiam em seu lustroso chão de taco, aceleravam as batidas de seu coração. Tum. – Tum. – Títum.- Tum. Tum.TumTuum.*

Encontrei uma razão para cada pensamento, que dava aos meus motivos um rosto muito bonito. Sorri de forma boba, por um breve momento, apreciando todas as minhas vontades repentinas, como se fossem elas lícitas, legais – não apenas desejos e impulsos encolhidos em uma única palavra – Juventude.

*Sol que volta em ar de vitória após a primeira batalha contra as Senhoras do Ciclo, que vão cumprir seu papel agora em outro lugar. Luz solar – cegava a vista, causavam sentimento nunca antes testado por ela. E em tantas vezes sentira parecido, mas nada era igual, nada poderia ser igual, a todo passo que ouvia na secura de seu dia, agarrava-se a esse sentimento – entre cada vão entre os silêncios segurava a respiração, suitava-se gradativamente em seu mundo sentimentalista e desesperado. Buscava os recursos mais dramáticos, afogando a mente em vontades loucas e desconhecidas para ela mesma. Apegou-se às suas manias adquiridas por influência alheia – cada pele e ra tudo, cada dor era nada. Batimento cardíaco, respiração, tudo tão desconforme quanto certeza de que chegava o fim, o fim... o fim... o fim... o fim... o fim -*

Jovem, vivendo como a planta que cresce entre as pedras da rua – um sinal de abandono esperançoso em uma vida reinada pelo destino indecifrável e irônico. Ou então um sinal de rebeldia contra as formas que o mundo produzia cruelmente. E eu realmente planejava ser um sinal, um outro sinal, um símbolo da esperança, da rebeldia, do combate. No entanto n?

*Porém por mais que o Sol venha, outra hora elas voltam a cobrir o céu – brancas, cinzas, pesadas ou leves lá no topo, onde os olhos humanos veem pouco. Ela assistia, sabia, conhecia o significado disso – o tempo – o esgotamento, o fim e o início. Portanto nada acabaria – nada de fato se extinguia nesse mundo confuso em que lhe lançaram a vida é uma folha, a folha solta, que nasce, envelhece, cai e serve de adubo para que tudo se renove. E ela tinha em seus braços, em seu corpo de folha, os sentimentos nadando em cada célula, transitando entre todos os seus membros e órgãos. Esperado que passasse o tempo, que envelhecesse, que caísse, que voasse para longe de sua árvore. Mas não cairia nova, não sozinha. Então afogava-se em pensamentos profundos demais para sua fina espessura. Ela esperava, ela esperava – sem ação. Os ciclos do mundo se completariam ainda milhares de vezes – as nuvens iriam e voltariam de sua vida – folhas passariam ao seu redor, viriam mais vários verões, outonos, invernos e primaveras antes que seu próprio ciclo tornasse o de outro. Enquanto isso sentia cada passo naquele chão, cada palavra mal direcionada, cada aflição de uma mente infantilmente adulescente. Sofrendo mais do que o necessário – em sua vida lisa.*

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/folha-nova>